

Prezadas, prezados e prezadex leitores,

*A onda do mar leva
A onda do mar traz
Quem vem pra beira da praia, meu bem
Não volta nunca mais
Dorival Caymmi, Quem vem pra beira do mar*

E eis que chegamos ao segundo número da nossa NAU Social sob a curadoria dessa dupla editorial. Não é fácil assumir um leme que foi pilotado por Rosana Boullosa e Ives Tavares, esses dois gigantes do campo de públicas que continuam a nos orientar e a indicar atenção plena diante da força que vem do sopro dos ventos. Desafios, responsabilidades e muito engajamento sócio político é o que anima esta equipe a navegar nesta NAU pelos mares revoltos que atravessam o nosso país e, em alguma medida, também o velho mundo que habitamos. Esse velho senhor Mundo que como diria o poeta Drummond, “Mundo mudo vasto mundo// Se eu me chamasse Raimundo// Seria uma rima, não seria uma solução// Mundo mudo vasto mundo// Mais vasto é o meu coração”.

Se por um lado, a pandemia do coronavírus ainda está em curso e continuamos a chorar a tristeza das tantas vidas perdidas, por outro, o Brasil parece que caminha de modo positivo rumo a imunização da população, um processo que só foi possível através da pressão da opinião pública nacional e internacional, constringendo o atual governo a recuar das escolhas públicas pautadas pelo negacionismo e optar pelas soluções dadas pela ciência. Estamos a viver uma CPI da Covid 19 que sugere que uma série de escolhas públicas e privadas se deram de modo equivocado no campo da saúde, de modos que muitas vidas poderiam ter sido poupadas caso não tivessem adotado tratamentos médicos sem base científica e iniciado com mais brevidade e celeridade a campanha nacional de vacinação.

Por outro lado, as investidas autoritárias continuam a ameaçar a nossa democracia e suas instituições. Tempos em que se por um lado muito tememos uma grande ruptura política que nos faça perder a democracia tão arduamente conquistada na década de 1980 e vivenciada nas últimas décadas, por outro, vivenciamos cotidianamente micro rupturas na nossa ordem democrática do dia a dia, fazendo com que cada vez mais, nos aproximamos daquilo que O’Donnell denominava por poliarquia, ou seja, uma democracia aparentemente formal, mas eivada de déficits nos campos que forjam a cidadania, à exemplo dos acessos à saúde, à educação, à justiça, à moradia digna, à alimentação saudável, etc. O Brasil entre 2019 e 2021 é marcado pela ampliação das nossas faixas de extrema pobreza, algo que nos remete a maiores níveis de desigualdade e déficits de cidadania plena.

Se no plano nacional, muitas são as nossas dores e temores, algumas notícias que chegam do internacional também não são lá das alvissareiras no campo da democracia e dos direitos humanos. Antes da primavera chegar, a saída abrupta dos Estados Unidos do Afeganistão vinte anos depois daquilo que este império denominou por “guerra preventiva contra o terror” trouxe consigo de volta o Taleban. O povo afegão que ousou sonhar ares de liberdade e democracia, hoje ou vive a experiência dolorosa do autoexílio (para aqueles que conseguiram fugir do país a tempo), ou vive sob o manto do medo de um regime violento, machista e misógino. A Nau Social se solidariza ao povo afegão, em especial, as mulheres de todas as gerações, principalmente, as meninas que já foram categoricamente expulsas do sistema de educação desse país. O Afeganistão é mais uma dessas chagas que o Ocidente criou e, de modo irresponsável, como todo regime colonial, abandonou à própria sorte.

É por essa razão que uma revista como a NAU Social mais que um mero periódico acadêmico capaz de contribuir para a alimentação do currículo lattes dos pesquisadores que compõe suas publicações, é, antes, de tudo, senão, fundamentalmente, um fronte de batalha que tem por missão o fortalecimento do campo de públicas, esse campo prático teórico que se ocupa com a res pública, algo que está intimamente relacionado com as interações e entrecruzamentos que se dão entre o Estado, a sociedade e todos os seus atores.

Imbuído por esse espírito público, recentemente a Nau Social teve a honra de ser parceira de dois grandes encontros no campo de Públicas, quais sejam, o Encontro nacional de Pesquisadores em Gestão Social - ENAPEGS 2021 e o IV Encontro Nacional de Pesquisadores no Campo de Públicas - ENEPCP. Dois encontros importantíssimos para o fortalecimento do campo de públicas, território no qual essa revista se localiza. Não sem razão, nessa edição a NAU Social já traz alguns artigos que se destacaram nesses eventos. Esse será um movimento que manteremos também nas próximas edições, artigos esses que vocês, caríssimos leitores, facilmente identificarão nas notas de rodapé indicativas.

O ENAPEGS ocorreu justamente em maio de 2021, coordenado por nossa editora executiva, a professora Maria Amélia Corá juntamente com o professor Leonardo Leal, ambos professores da Federal de Alagoas, campus Arapiraca. Esse núcleo de Públicas que se localiza no meio do agreste alagoano, mais uma vez, oferece para a sociedade brasileira momentos raros de grandes reflexões e encontros. Não sem razão, nesse evento em formato virtual tivemos a participação especial de dois grandes intelectuais brasileiros que nos deixaram recentemente e, curiosamente, nos dias que em finalizamos na Bahia (também de modo virtual) o IV ENEPCP, quais sejam, o professor Luciano Prates Junqueira e o ator Sérgio Mamberti. A NAU Social lamenta profundamente a partida desses dois gigantes da inteligência brasileira e os incorpora no rol da nossa ancestralidade intelectual e humanística.

O IV ENEPCP que ocorreu no início de setembro às vésperas da primavera em Salvador no formato remoto, foi também um momento de grande beleza onde afetos e ciência foram compartilhados não só por entre membros desta comunidade epistêmica do campo de Públicas, mas, também, toda a sociedade brasileira. Coordenado pelo professor Edgilson Tavares da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, o IV ENEPCP foi marcado por festas, concursos, defesa de trabalhos e mesas de extrema diversidade pautando questões contemporâneas e de vanguarda no campo de Públicas. Das tantas mesas marcantes deste evento, destacamos dois momentos singulares deste evento, quais sejam: a homenagem merecida que a IV ENEPCP realizou para as duas conferencistas que encerram o evento pelo conjunto de suas obras, quais sejam, as professoras Marta Farah e Tânia Fisher, duas mulheres do campo de públicas que desbravaram territórios historicamente habitados por homens, criando novas narrativas, repertórios e olhares femininos para grande questões coletivas; E os prêmios Augusto Tavares e o concurso de Episódio para a produção de PodCast. A NAU Social parabeniza as professoras homenageadas, bem como, todos e todas que foram laureados por essas duas premiações.

Em tempos ainda de tantas tristezas, tempos em que nos deparamos com notícias escabrosas no campo da Saúde Pública, tempos em que uma certa Auschwitz brasileira se revela a partir da diminuição proposital de oxigênio em leitos de idosos internados em UTI de uma grande rede de hospitais particulares imbuídos da lógica de que “óbito também é alta”, eventos como o XI ENAPEGS e a IV ENEPCP são balsas de luta e contestação contra esse mar de tristezas e ausência de estado e cidadania que atravessamos. Esses eventos são verdadeiras balsas salva vidas!

É nesse espírito emulado pelo campo de públicas que a Revista NAU Social se indigna com a crueldade e a “banalidade do mal” praticada por esses atores públicos e privados que deveriam ter o dever de cuidado. Nos solidarizamos com as 596 mil vidas ceifadas pelo COVID até o momento de confecção desse editorial. Diria o sábio Chico César “Se números frios não tocam a gente, espero que nomes possam tocar”!

Diante de todo esse contexto de tristezas, mas também de esperanças que passamos agora a apresentar a nossa edição mais recente da NAU Social, a partir das nossas cartas de navegação nesses mares que nos permite a o campo de públicas, donde a Gestão social é nosso leme.

Nos nossos diários de bordo, dois artigos trazem experiências exitosas que merecem ser visitadas pelo campo de públicas pela sua capacidade de reflexividade e replicabilidade estimulada. O primeiro deles intitulado por, A Avaliação do Programa do Água para Toda na Visão do Público-Alvo e dos Gestores a autora Beatriz Meirelles trata qualitativamente dos resultados de uma pesquisa realizada com o público-alvo e os diferentes atores do Programa Água para Todos (APT), que integrou a avaliação de mérito dessa experiência no ano de 2018. O segundo, por sua vez, Os desafios e progressos de uma ONG dedicada ao esporte: a trajetória do Instituto Camaradas Incansáveis (ICI) seus autores Rodrigo Guimarães Motta, Luciano Antônio Prates Junqueira (in memoriam) e Lara Cristina de Fatima Mola tratam, justamente, da trajetória do Instituto Camaradas Incansáveis (ICI) no âmbito das suas atividades voltadas à promoção de ações sociais envolvendo crianças em comunidades carentes no que concerne à formação de uma equipe de alto rendimento na prática esportiva do judô.

Na seção dos Novos Territórios encontraremos também dois artigos que anunciam novas territorialidades a serem mais exploradas. O primeiro deles intitulado por O Tradicional e o Informal: Uma Análise do Trabalho

de Beneficiários do Programa Bolsa Família em Caruaru-PE, fruto do trabalho coletivo de Marllon Emanuel Souza Medeiros de Vasconcelos e Débora Coutinho Paschoal Dourado traz uma análise das relações de trabalho de beneficiários do Programa Bolsa Família, tendo como singularidade um estudo voltado para as relações de trabalho dos beneficiários dessa política pública, em especial, algo que como bem ponderam os autores é ainda escasso na nossa literatura nacional. Já o segundo, intitulado por O Campo de Pública do Ceará: Características, Demandas e Desafios pela Ótica dos Estudantes, artigo escrito a duas mãos pelos autores Estêvão Lima Arrais e Bárbara Imaculada Araújo de Oliveira buscaram compreender quais as principais características, demandas e desafios do Campo de Públicas do Ceará pela ótica dos estudantes, um exercício que muito embora localizado, é capaz de nos lançar pistas sobre a percepção do campo aos olhos dos seus estudantes, ou sejam, pessoas que investem seus tempos, esperanças e promessas de futuro nesse campo profissional.

Nas Novas Rotas percebidas nesta edição, a NAU Social apresenta também dois artigos, o primeiro, intitulado por Os Consórcios São Um Caminho Para a Articulação na Região Metropolitana de São Paulo? da cepta de Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz, Miguel Matteo e Sinoel Batista. Nesse artigo os autores buscaram contribuir com um debate sobre a possibilidade dos consórcios serem um caminho para a articulação interfederativa em regiões metropolitanas, uma temática cada vez mais presente no âmbito da cooperação entre atores da federação, será este o mote que nos redimirá e nos fará superar a crise federativa que já nos acompanha desde priscas eras? O segundo artigo, intitulado por Políticas Públicas Intersetoriais e Primeira Infância: A Política Municipal São Paulo Carinhosa, artigo este escrito por Mariana Scaff Haddad Bartos traz uma análise qualitativa do arranjo intersetorial emulado pela política pública São Paulo Carinhosa voltada para o desenvolvimento integral da primeira infância ocorrida no município de São Paulo no período de 2013 a 2016.

Nos nossos Bons Ventos, três artigos compõem essa carta de navegação. Em Tecendo redes de defesa dos direitos sexuais e reprodutivos da população LGBT: reflexões em torno do projeto Banana-Terra no Cariri Cearense da cepta de Geovane Gesteira Sales Torres, Alania Maria Leal, Caio Ricardo da Silva e Wendell de Freitas, esses autores buscaram realizar um relato de experiência objetiva analisar o projeto Banana-Terra, em suas ações de defesa dos direitos sexuais e reprodutivos, na Região Metropolitana do Cariri, entre os anos de 2018 e 2020. Por se tratar de um relato de experiência ficamos inclusive tentados a deixar esse artigo nos diários de bordo, todavia, como trazem o frescor de novas abordagens em prol da garantia de direitos da população LGBTQI+ trouxemos para os bons ventos, a fim de que esses ventos nos lancem para um Brasil mais plural, mais diverso, mais cidadão e mais solidário. “Tomara, meu Deus, uma nação solidária!”. Em Empreendedorismo social e trajetória individual – a história do Banco Liberdade, Rebeca Pires Oliveira e Maria Elizabeth Antunes Lima realizam uma reflexão sobre a relação entre a trajetória pessoal e a concepção de um projeto de empreendedorismo social, tomando como caso ilustrativo o Banco Liberdade, localizado na cidade de Belo Horizonte/MG e suas políticas de microcrédito, uma proposta inspirada no conceito de negócio social do indiano Muhammad Yunus.

No artigo Gestão social por colegiado e extensão universitária: imaginar futuros para o território da baía da ilha grande, RJ, Patrick Maurice Maury, Diná Andrade Lima Ramos, Lamounier Erthal Villela e Lucimar Ferraz de Andrade Macedo os autores buscaram problematizar as descontinuidades da Política Nacional de Desenvolvimento Agrário (Lei 12188 de 2010) face às continuidades participativas dos atores envolvidos através da ação extensionista da universidade. Esse artigo traz implícita a reflexão do papel social que pode ter a Universidade no que concerne à emancipação dos sujeitos e seus respectivos territórios.

Por fim, na nossa carta Rosas dos Ventos trazemos também três artigos que são capazes de nos impulsionar por mares reflexivos e críticos rumo a um país mais democrático e menos perverso no trato com os seus concidadãos. Pensar o rumo dos nossos contextos nos ajuda a pensar o país, esse exercício que a NAU Social adere e faz coro. Em Ciclo de Protestos no Rio Grande do Norte entre os anos de 2013 e 2019, Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira, Ana Vitória Araújo Fernandes, Lindijane de Souza Bento Almeida e Raquel Maria da Costa Silveira buscam analisar as características dos protestos realizados e a percepção da mídia sobre a atuação dos movimentos sociais e sindicais no Rio Grande do Norte entre 2013 e 2019. Esse artigo, nos traz, em verdade, a necessidade de estarmos atentos às narrativas que as grandes mídias exercem face aos movimentos de rua.

Em Uma década de “Minha Casa, Minha Vida”: análise da produção científica sobre o programa, Vinícius de Souza Moreira, Fillipe Maciel Euclides e Andreia de Fátima Hoelzle Martins realizaram um exercício de Gestão do conhecimento a fim de analisar a produção científicas sobre este programa publicada nas principais bases até o ano de 2020, nos brindando assim com um panorama acerca desse conhecimento. Em tempos de profunda indefinição acerca do futuro de políticas públicas nacionais focadas em habitação

popular, esse artigo certamente nos ajudará a não perder a memória de conhecimentos estimulados por esse programa.

O artigo A Necropolítica e o Extermínio dos Corpos Negros em Tempos de Covid-19 no Brasil, Dyego de Oliveira Arruda e Caroline Oliveira Santos problematizam o modo como a pandemia de Covid-19 no Brasil tornou ainda mais sensível e complexa a conjuntura de sofrimento e morte historicamente relegada aos indivíduos negros no país, algo que reforça a percepção do quanto precisamos avançar enquanto nação para superarmos o racismo estrutural e estruturante que forja a nossa sociedade.

Percebam que nas três primeiras seções da revista, cada uma delas trouxe dois artigos e depois, nas duas restantes, ficamos em três. E como nada nessa vida é por acaso, muito provavelmente, essa coincidência tenha a ver pelo fato que nesses dias de setembro, mês no qual trabalhamos arduamente para a construção dessa edição, no Brasil profundo, de um modo geral, seja o mês devotado aos gêmeos em algumas religiões, a exemplo das matrizes africanas e, também, do catolicismo. Se para a tradição afro-brasileira, setembro é um mês dedicado aos Ibejis, para os católicos é época de se saldar os gêmeos Cosme e Damião. E na Bahia, tanto os Ibejis como Cosme Damião, Crispina e Crispiniana, sem nunca nos esquecer de Doum (aquele terceiro elemento que sempre aparece e compõe os santos gêmeos), todos eles comem caruru. E como estamos no último dia de setembro e já se aproxima da hora do almoço, esses dois editores se despedem dos senhores porque já é chegada a hora de nos sentarmos à mesa para o banquete dos Ibejis, o banquete de Cosme, Damião e Doum! Bom apetite literário para vocês, nós dois que já lemos tudo, vamos agora nos refestelar com a mesa repleta de caruru, vatapá, xinxim de galinha de quintal, feijão preto no azeite, feijão fradinho, farofa branca, farofa de dendê, arroz, milho branco, cana, inhame branco, inhame vermelho, ovos cozidos, cana doce, rapadura, pipocas, aruá (refrigerante de gengibre com rapadura)...e provavelmente estamos a nos esquecer de alguma iguaria, mas não se preocupem, comeremos todas elas e celebramos a vida de todas, todos e todes!

Salvador e Cumuruxatiba, 30 de setembro do ano da graça de 2021.

André Luís Nascimento dos Santos

Maria Amelia Jundurian Corá